



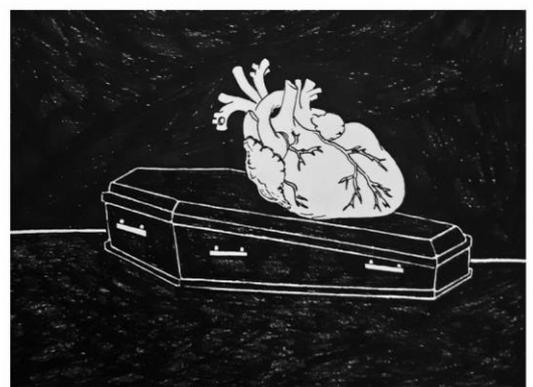
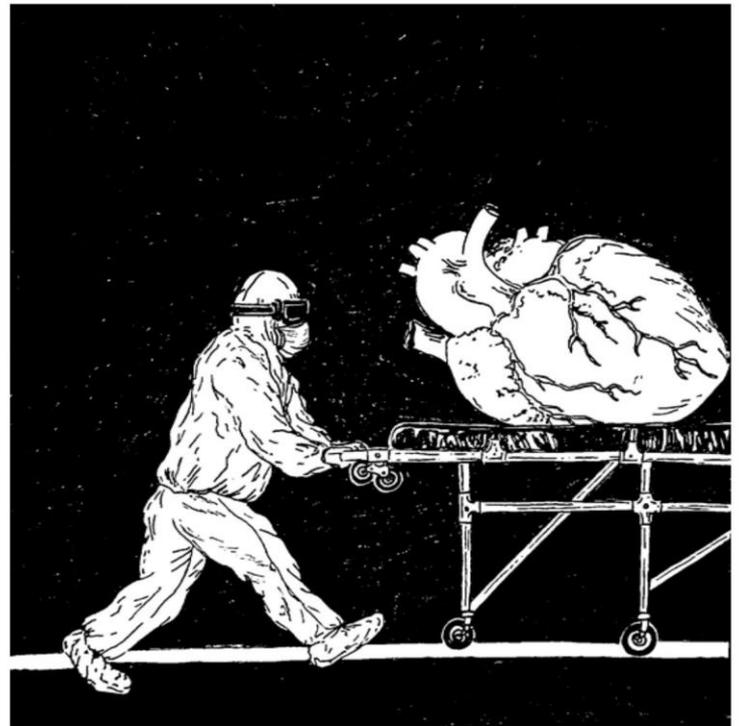
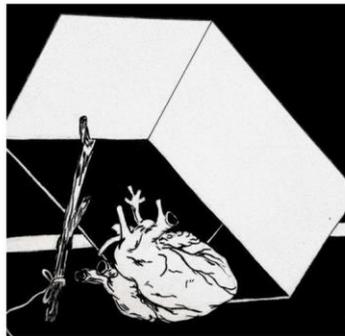
# REVISTA

CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS  
VOL. 07, Nº 01 - 1º SEMESTRE - 2022

ISSN 2448-1793

# NOSSAS

DOSSIÊ  
**Epidemias  
no Brasil**  
cultura e estética  
das doenças



**“O QUE OS PROFESSORES DE HISTÓRIA TÊM A DIZER SOBRE O COVID-19?”:  
ENSINO DE HISTÓRIA  
E AS CONTRIBUIÇÕES DAS HISTÓRIAS DA SAÚDE E DO TEMPO PRESENTE**

“WHAT DO HISTORY TEACHERS HAVE TO SAY ABOUT COVID-19?”:  
TEACHING HISTORY  
AND THE CONTRIBUTIONS OF HEALTH STORIES AND THE PRESENT TIME

<https://doi.org/10.5281/zenodo.6954552>

Envio: 30/05/2022 ♦ Aceite: 14/07/2022

**Ana Karine Martins Garcia**



Pós-Doutorado em História pela UFC-CE, Doutora em História pela PUC-SP, Mestra em História pela PUC-SP e atualmente Pesquisadora do Laboratório de Ensino e Aprendizagem da História - LEAH (UFC-CE) e Coordenadora do Grupo de Estudo e Pesquisa da História das Práticas da Saúde e das Doenças.

**Bárbara Barbosa dos Santos**



Doutoranda em história das ciências e saúde da Casa de Oswaldo Cruz; Mestre em história pela UFS, Membro do grupo de Estudo e Pesquisa da História das Práticas da Saúde e das Doenças. Bolsista Capes.

**RESUMO**

Tornaram-se evidentes os efeitos da pandemia de 2020 sobre o processo de ensino e aprendizagem, por conseguinte, os reflexos desta conjuntura, experimentada pelos mais variados grupos sociais, incidem sobre o ensino de história. Neste sentido o artigo que apresentamos busca esquadriñar reflexões no sentido de vislumbrar tal evento epidêmico, enquanto fato histórico, objeto passível de ser problematizado em sala de aula, considerando que se trata mais do que um fenômeno biológico, identificamos de maneira clara, um fenômeno social em curso, no qual são desencadeadas inúmeras movimentações dos sujeitos frente ao desarranjo provocado pelo adoecimento, que repercutem nas dimensões econômicas, políticas e culturais. Pretende-se iluminar de forma panorâmica as contribuições da história da saúde e do tempo presente para explorarmos a pandemia provocada pelo covid-19 em sala de aula, utilizando também as vivências dos próprios discentes no lugar de sujeitos históricos e as percepções do contexto social a que eles estão inseridos.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ensino de História; Pandemia; Saúde.

**ABSTRACT**

The effects of the 2020 pandemic on the teaching and learning process became evident, therefore, the reflexes of this conjuncture, experienced by the most varied social groups, affect the teaching of history. In this sense, the article we present seeks to search reflections in order to glimpse such an epidemic event, as a historical fact, an object that can be problematized in the classroom, considering that it is more than a biological phenomenon, we clearly identify a social phenomenon. ongoing, in which numerous movements of the subjects are triggered in the face of the breakdown caused by illness, which have repercussions on the economic, political and cultural dimensions. It is intended to illuminate in a panoramic way the contributions of the history of health and the present time in order to explore the pandemic caused by the covid-19 in the classroom, also using the experiences of the students themselves in place of historical subjects and the perceptions of the social context a that they are inserted.

**KEYWORDS:** History teaching; Pandemic; Health.

## AS INQUIETAÇÕES PARA O ENSINO DE UM PASSADO PRESENTE

Em março de 2020, ao canal digital *café história*, o professor Marcus Cueto, editor científico da Revista História, Ciências, Saúde – Manguinhos, concedeu uma entrevista analisando a conjuntura política - científica, nacional e internacional em torno da pandemia do “novo vírus”. No Brasil, neste mês estávamos ainda contando as vítimas na ordem das centenas. Na análise recente ao fenômeno, Cueto já entrevista os prejuízos do neoliberalismo e políticas de saúde pública desastradas do governo federal eleito em 2018, além disso, que a sociedade sofreria o resultado da desvalorização da produção científica no país.

Para além da clareza categórica do exame feito pelo historiador, ainda no “calor” dos acontecimentos, o título da entrevista gerou provocações, pelas quais gestamos este texto. “*O que um historiador da saúde tem a dizer sobre a pandemia do novo coronavírus (Covid-19)?*”, com este título, a entrevista tornou público o olhar de um historiador sobre o fenômeno epidemiológico; mas o que um professor de História do ensino básico poderia dizer sobre o covid-19 em suas aulas? Aliás, considerando a urgência da prática, talvez a pergunta deveria ser: Como nós professores de história podemos mobilizar os processos gerados pela pandemia como objeto a ser trabalhado em sala de aula?

A intenção não é responder tal pergunta, mas apontar como as recentes produções historiográficas da história da saúde podem ser instrumentalizadas para o ensino de história, transformando as experiências e memórias da pandemia em tema para aulas de história no futuro, sob as mais variadas abordagens.

## FATOS HISTÓRICOS TRAUMÁTICOS E SEUS USOS NO ENSINO DE HISTÓRIA

Sem sombra de dúvidas o ano de 2020 marcará a história mundial, por conta do rápido desenvolvimento e alta letalidade da pandemia provocada pelo COVID- 19, cujos desdobramentos atingiram a todos os países nas dimensões políticas, econômicas e sociais. Diante de um sujeito não humano - o vírus, percebemos nas sociedades a busca pelo reordenamento, e neste cenário emergem outros personagens, como os cientistas e profissionais de saúde. Além disso, reflexões em torno das mazelas sociais que são acentuadas pela própria pandemia, a importância das instituições de assistência e pesquisa, como também análises do papel do Estado.

No Brasil identificamos este quadro de maneira intensa, uma vez que o fenômeno “pandemia”, tornou-se intimamente atrelado a conjuntura política e econômica extremamente conturbada. O que configura a complexidade do momento atual, a qual demanda um esforço das ciências humanas no sentido de perceber as nuances, reações e movimentos apresentados pela sociedade brasileira a partir de tal fato, não olvidando a nossa trajetória e formação social até então.

Posto isto, não foi difícil imaginar que naturalmente, até pelo próprio efeito prático da pandemia, que foi o isolamento social, a Escola iria apresentar-se como espaço no qual seriam permeados os inúmeros impasses e desafios, tanto no que tange à operacionalização do ensino, frente a impossibilidade de aglomerações, que exigiram medidas para o ensino remoto, por vezes prejudicado, sobretudo nas camadas menos abastadas, pela falta ou incompetência das iniciativas governamentais. Quanto as questões relacionadas aos conteúdos curriculares, partindo do princípio de que as temáticas ligadas ao covid-19 podem dialogar com as mais variadas disciplinas: as biológicas, exatas e humanas.

De maneira particular, a história é uma disciplina que pode ser dirigida no sentido de explorar as vivências dos discentes, diante do desenrolar dos fatos advindos da pandemia, estes são testemunhas de um fato histórico com grandes repercussões, e estas experiências podem e devem ser exploradas como fios condutores em função de

compreensões mais profundas da história do país e nossa sociedade. Uma prática que se fez comum, foi a reunião de relatos de como cada discente viveu a quarentena, descrevendo como se comportou suas respectivas condições econômicas, de saúde, familiar ou trabalho<sup>7</sup>.

Estas iniciativas são importantes a medida que doam voz a estes sujeitos e criam uma importante documentação de memórias, mais que isto, entendemos também que tais vivências, próprias de um tempo presente que guarda acelerações e rupturas extremadas, pelo fenômeno epidêmico, também funcionam como campo fértil para o desenvolvimento do pensamento crítico, tão caro a disciplina de história, e para tanto, duas dimensões historiográficas oferecem instrumentos teóricos e metodológicos salutares, a história da saúde e a história do tempo presente.

Na historiografia brasileira encontramos estudos que iluminam as possibilidades e as oportunidades de exploração de eventos históricos traumáticos do tempo presente nas aulas de história, como a ditadura civil-militar brasileira por exemplo. São bem-sucedidos tais autores no sentido de evidenciar as potencialidades do fazer historiográfico em sala de aula a partir de tais temas, uma vez que estes ainda gravitam no cotidiano, e refletem-se de maneira direta nas questões políticas e econômicas do país.

Este movimento de revisita a ditadura civil-militar na última década, pode ser associado ao fato de que em 2011, por lei o governo Dilma Russeff permitiu a criação de comissões da verdade, para a apuração dos crimes cometidos durante o regime ditatorial brasileiro, isto efervesceu o campo historiográfico que respondeu com uma série de coletâneas, teses, livros e eventos. Nos quais os vários eventos ocorridos no caldeirão, que foi uma ditadura de quase duas décadas, foram examinados sob o ponto de vista político, econômico, cultural, com os desdobramentos pós democratização e o lugar das instituições e sujeitos.

Não se faz necessário adentrar na seara das muitas produções historiográficas em torno da ditadura dos últimos anos, que ainda permanecem em plena atualização,

---

<sup>7</sup> A exemplo do espaço virtual "Corpos que falam" O projeto é uma parceria do PPGHCS com o PPGAS do Museu Nacional/UFRJ, tendo em sua curadoria docentes e discentes de ambos os programas.

movimento frequente que tende a perdurar na conjuntura atual, pela subida ao poder de um governo saudoso ao regime ditatorial de 1964 e negacionista da tortura e a censura ocorrida. Para os fins que se pretende neste breve texto, que é apontar as mesmas possibilidades da utilização da pandemia como fenômeno histórico traumático em aula, assim como a historiografia mostra a ditadura civil militar, é importante focalizar os estudos que se dedicaram a tratar dos diálogos entre a história do tempo presente, ditadura e o ensino de história.

Partindo do princípio que a história da pandemia de 2020 deve ultrapassar as discursões no campo acadêmico, mas repercutir em cenários mais amplos, como a sala de aula, concordamos que irá demandar dos profissionais do ensino de história, reflexões afim do enfrentamento às memórias traumáticas da morte de vários brasileiros em poucos meses, uma maneira criativa talvez seja a utilização de tal fato como fio condutor para problematizações sobre o país e suas estruturas políticas, econômicas e sociais.

No contexto de rememorações da ditadura e a mobilização das produções historiográficas na busca por compreender os meandros pelos quais a história poderia trilhar a partir de então, observamos o texto *História do tempo presente e o ensino de história*, no qual as autoras peneira as problemáticas deste domínio da história e a urgência com a qual o seu escopo teórico e metodológico estavam sendo evocados a medida que aumentava a urgência de analisar as significações de trazer para o tempo imediato um fato que contava a época cinquenta anos, e que por não ser longínquo, ainda reverberava no campo de disputas entre a memória e a história.

Há neste trabalho orientações importantes sobre a historicidade do tempo presente, e como este deve trabalhado, seja na pesquisa acadêmica ou em sala de aula. E neste sentido, nos oferece subsídios para vislumbrarmos a pandemia como objeto a ser trabalhado na disciplina de história. Guardando as peculiaridades, podemos constatar duas semelhanças entre estes dois temas, a pandemia e a ditadura: a associação com o tempo presente e sua característica traumática de repercussões em vários âmbitos da sociedade. Algumas questões basilares podemos destacar do olhar das autoras que usaremos em nossa empreitada adiante.

Um ponto que será muito sensível as problematizações da pandemia na história, que se trata também de uma das singularidades do campo da história do tempo presente, é a questão da cronologia, isto é, a partir de qual período e até o qual, podemos iniciar uma investigação histórica do covid-19? Considerando que a pandemia carregou uma série de datas marcantes desde sua classificação como tal, até a marca de 40.000 mortos do Brasil, podemos entrever que embora tenha ocorrido em um curto espaço de tempo, mesmo se considerarmos os primeiros casos ainda em Wuhan, em seis meses assistimos a devassa veloz provocada pelo vírus nos quatro cantos do mundo.

Mais ainda, é necessário atentar para a outra questão, as peculiaridades regionais no caso Brasil, pois o fenômeno epidêmico não se comportou de maneira análoga em todos os Estados, cada um guardou particularidades, em Sergipe por exemplo observamos dinâmicas diferentes do estado Rio de Janeiro, que por sua vez também se diferenciou do Estado do Amazonas, isto é reflexo das peculiaridades econômicas, culturais, demográficas e geográficas, que atestam a riqueza das múltiplas experiências passíveis de serem captadas sobre este fato na perspectiva histórica por meio da história do tempo presente.

Tendo no horizonte o período da história recente a ser analisado, devemos incluir também os olhares dos alunos, que neste caso são também protagonistas, e suas narrativas funcionam como engrenagens do próprio processo do fazer historiográfico, que pode ser empreendido em sala de aula ao trabalharmos a pandemia de 2020. Considerando todos os desafios da própria característica desta modalidade da escrita histórica, concordamos com o que assevera Delgado e Ferreira, quanto as peculiaridades da história do tempo presente, que se emprega com facilidade quando buscamos ajustar as lentes para captar o nosso objeto, a pandemia, de tão contemporâneo, se faz um processo histórico complexo, em marcha demasiadamente acelerada, e nesse ínterim as memórias estão sendo preparadas e reformuladas pelas experiências, uma vez que a memória como a história do tempo presente são construções presentificadas e, portanto, passíveis de atualizações e revisões (DELGADO; FERREIRA, 2013), então estimular a função crítica da história diante da memória é um desafio significativo para este empreendimento.

Além da cronologia e temporalidade, transformar a pandemia de 2020 em objeto para sala de aula, contará com outra pedra angular, a produção de fontes, que em especial para este tema carrega as peculiaridades da conjuntura tecnológica e a ligeira disseminação de informações. Neste sentido é também uma oportunidade para estimular a problematização das versões sobre a pandemia: a quem interessa determinada narrativa, quais os efeitos práticos da difusão de determinadas diretrizes, qual o lugar do discurso científico na sociedade brasileira, como também compreender os significados políticos e culturais das notícias falsas que foram popularizadas como *fake new*. E como estas impactaram no desenrolar da pandemia no país, na observância de que

O estudo das memórias construídas em torno de determinados eventos, personagens e leis memoriais abre perspectivas para a compreensão de que a memória está sempre em processo de transformação, que as diferentes demandas dos grupos sociais geram muitas vezes conflitos e disputas de memórias, e que o ensino da história pode ser exatamente um instrumento para estabelecer de forma mais clara as distinções entre a memória e a história (DELGADO; FERREIRA, 2013, p. 31).

O exercício de refletir a pandemia provocada pelo Covid-19, como objeto para o ensino de história, torna-se complexo à medida que estamos vivenciando tal fenômeno, isso traz importantes consequências epistemológicas para o conhecimento que se deseja construir. (FICO, 2012, p. 45), pois não dispendo do distanciamento, em vez disso, contamos com a efervescência dos acontecimentos, das opiniões e efeitos trágicos do fenômeno epidemiológico.

É necessário atentar para o que o Carlos Fico aponta quando analisa as representações das vítimas da ditadura civil militar brasileira, sobre a posição do pesquisador e nesse caso o professor de história, no sentido de não incorporar o perito ou justificar os equívocos, é necessário iluminar as várias vozes que surgem no cenário da pandemia, sem perder de vista que esta atende a característica de um evento traumático em curso e como tal possuem esse caráter “interminável” justamente em função de sua constante reelaboração através das memórias (FICO, 2012, p. 48).

## HISTÓRIA DA SAÚDE, O QUE UM PROFESSOR DE HISTÓRIA PODE FAZER ATRAVÉS DA PANDEMIA?

Se para a história da ditadura contamos com uma infinidade de estudos, a pandemia também instigou uma crescente produção, nas quais os historiadores sobretudo, os da história da saúde procurou compreender o fenômeno nas articulações analíticas da história do tempo presente, e suas especificidades no Brasil, a perspectiva da historicidade do covid-19, pavimenta nossa reflexão em torno de conceber este evento como tema a ser trabalhado em sala de aula na disciplina de história.

Desde o mês de março de 2020, quando o vírus covid-19 começou uma célere escalada de infecções no Brasil, percebemos a mobilização científica que no campo da história reflete em um significativo esforço na interdisciplinaridade do tema de evidenciar os efeitos sociais da doença, com a publicação de artigos, podcasts, lives e uma intensa aproximação da mídia aos pesquisadores ligados a história da saúde, era necessário puxar do passado qualquer experiência análoga, para lidar com a nova doença.

Neste sentido é importante destacar a atuação do departamento de Pesquisa em História das Ciências da Saúde da Casa de Oswaldo Cruz, que se integrando as ações de enfrentamento a pandemia e assistência hospitalar, criou o projeto *“especial covid- 19, o olhar dos historiadores da FIOCRUZ”* visando a promoção do conhecimento científico e *“informar a população com conhecimento consistente do campo da história, de maneira clara e rápida”*. Esta série de textos produzidos pelos pesquisadores da história da saúde, lotados no departamento citado, reafirma a importância da historicidade das doenças, sobretudo na conjuntura da pandemia de 2020. Sobre os temas tratados na série descreveu a professora Dominichi Miranda Sá

Os temas iniciais da série são abrangentes e envolvem reflexões sobre o papel do Estado nas epidemias e a consciência da interdependência social nos momentos de crise; o SUS e a epidemia de coronavírus; as representações sociais e os medos coletivos diante das epidemias; a confiança na ciência em tempos de pandemia; as relações da pandemia de Covid-19 e a pandemia da gripe espanhola de 1918; a emergência climática e o novo coronavírus; os riscos de crise de abastecimento de alimentos e de equipamentos médicos decorrentes da pandemia e as perspectivas de uma ação internacional conjunta;

assim como o ineditismo do impacto produzido pela pandemia sobre os modos de vida e a consciência planetária (SÁ, 2020).

De fato, os textos obedecem a essa linha e sugerem o diálogo das pesquisas que estes historiadores já vinham produzindo, com a dimensão da experiência pandêmica. Sendo assim percebemos que emergem nesses olhares sobre a pandemia o impacto do vírus, este como agente não humano, no desarranjo social e capaz de mobilizar a classe científica. Para explicar este quadro a pesquisadora da casa de Oswaldo Cruz, Simone Kropf, analisa apoiada nas ideias propostas por Ludwik Fleck que “a ciência é produto de atores, práticas e lugares concretos e de acordos compartilhados por diversos “coletivos de pensamento”. A estratégia de análise utilizada pesquisadora é salutar, a medida que reage a conjuntura atual, na qual em meio a uma pandemia o governo brasileiro adota posturas negacionista da ciência e seus agentes.

O olhar sobre as relações de saúde e meio ambiente, também foram evocados no cenário pandêmico de 2020, o texto dos pesquisadores Gabriel Lopes e André Felipe Cândido da Silva discute a necessidade de coexistência responsável e o lugar dos seres humanos como uns integrantes da natureza, isto poderia minimizar os frequentes surtos das pandemias de origem zoonóticas, esse movimento trouxe para o debate as problemáticas em torno do antropoceno no Brasil.

Na história brasileira encontramos sucessivas experiências de surtos epidêmicos, entre o século XIX E XX. Um personagem que simboliza a busca pelo desenvolvimento científico, voltado para o combate das doenças epidêmicas no país, é o Oswaldo Cruz, este é protagonista de um evento que ficou conhecido como revolta da vacina, na qual em 1904, a população do Rio de Janeiro revoltou-se contra a vacinação, este episódio histórico, foi utilizado pelos pesquisadores Gisele Sanglard e Renato da Gama-Rosa Costa, como partida para compreender o comportamento de recusa ao isolamento social e medidas de proteção como a utilização de máscaras, por parte da sociedade brasileira, os autores são bem sucedidos em encontrar semelhanças e mudanças entre a conjuntura de 1904 e 2020.

É consenso que com o avanço do covid-19, fez ecoar as desigualdades e desvantagem de determinadas camadas sociais, quanto a proteção e assistência, neste viés as pesquisadoras Tânia Pimenta Salgado e Kaori Kodama teceram as relações entre as experiências de epidemias no oitocentos com a pandemia de 2020. Se no pretérito a morbidade se fazia intensa sobre as populações indígenas e afro descendentes, cativas ou libertas, na atual conjuntura percebemos que os grupos sociais menos abastados são as principais vítimas, por conta das péssimas condições de moradia, trabalho e alimentação, além disso as autoras chama a atenção para a necessidade deste debate, no sentido de combater a marginalização e estigmatização das vítimas, uma vez que, pelo menos a maioria os infectados que sucumbem no Brasil tem cor e condição social.

Não obstante, se a história serve para nos alertar no presente sobre os equívocos do passado, esta cumpriu seu papel, era como se diante de cenários superlativos em todos os sentidos, seja no que tange ao número de infectados e mortos, seja nos impactos de acentuação das mazelas, da história foi cobrada uma referência no passado. Entre os vários surtos de doenças e epidemias que somamos na trajetória histórica, dois eventos epidêmicos rondaram as conversas e foram evocados como exemplos, a gripe espanhola de 1918 que muito se assemelhou a conjuntura do covid pelas proporções mundiais, e o surto de meningite de 1974, esta última, em especial, as semelhanças refere-se inclusive as dinâmicas políticas, pois ocorreu em meio ao regime ditatorial de 1964, e como tal, atualmente o governo Jair Bolsonaro, decidiu por omitir dados e adotar o discurso negacionista da doença.

Além de perceber as mudanças e permanências na dinâmica social brasileira diante de uma pandemia, o prisma da história da saúde oferece caminhos a compreensão do fenômeno e sua problematização em sala de aula. E neste sentido a mobilização da imagética produzida no bojo da conjuntura pandêmica e transmitida pelas mídias digitais pode ser um exercício nas aulas de história. Através de imagens podemos extrair discussões correlatas aos desdobramentos sociais advindos do fenômeno biológico, a **Figura 1**, por exemplo, é uma fotografia que retrata o fechamento do comércio e o esvaziamento das ruas, ela viabiliza trazer à baila

discussões em torno do distanciamento enquanto desdobramento social da doença, o debate pode perpassar por temas como economia, habitação e trabalho. A **Figura 2** sugere o debate em torno do meio ambiente e como sua devastação pode ocasionar pandemias, as políticas públicas voltadas para proteção dos ecossistemas também podem ser aventadas como um tema a ser tocado considerando as nossas realidades em contraponto as demandas estrangeiras.

**Figura 1**



Fonte: Site da revista Exame. Disponível em <https://exame.com/ciencia/pandemia-de-covid-19-no-brasil-pode-acabar-so-em-novembro-diz-estudo/>

**FIGURA 2**



O que os professores...

Fonte: Site do Jornal USP.

Disponível em <https://jornal.usp.br/atualidades/destruicao-de-florestas-aumenta-risco-de-novas-pandemias/>

Uma preocupação dos historiadores da saúde foi como a nova pandemia seria denominada, uma vez que as nomenclaturas das doenças que provocam fenômenos epidêmicos desta envergadura são carregadas de significações políticas. Isto ficou bastante explícito na conjuntura atual, no acirramento das disputas políticas e econômicas a nível mundial, assistimos o presidente dos EUA classificar o covid-19 como “vírus chinês” em clara acusação aquele país pela doença, isto se repetiu no Brasil, onde o ministro da Educação e deputados atrelaram o vírus ao povo chinês. Sendo assim a observância destas nuances podem ser problematizadas nas aulas de história.

Além das nomenclaturas, um outro ponto angular das narrativas da pandemia perante a história da saúde, diz respeito a trajetória das pesquisas em torno do descobrimento do vírus, isto é, a produção científica mobilizada para a detecção da

morbidade e seu enfrentamento, neste sentido podemos dizer que ocorreu de maneira veloz, uma vez que o sequenciamento do genoma do vírus foi feito em dois dias após o primeiro caso de infecção ser constatado no Brasil, desta pesquisa, fruto de uma força tarefa de cientistas das universidades públicas brasileiras, ainda foram detectadas mutações do vírus em comparação aos encontrados na China.

Podemos ainda problematizar em nossas aulas, o protagonismo das instituições brasileiras de pesquisa como a FIOCRUZ e o Instituto Adolfo Lutz, nos quais assistimos a uma intensa corrida pela construção de vacinas e medicamentos capazes de combater a doença, ou a fabricação de testes, que se tornou elemento crucial para compreendermos como a pandemia performa no país.

A situação das minorias sociais frente ao avanço das doenças é um caminho de análise privilegiado pela história da saúde, e oferece campo fértil para as aulas de história. No país desigual como é o Brasil a pandemia logo desnudou esta característica perversa, se nas primeiras semanas os casos concentravam-se nas regiões nobres das capitais, nas quais habitavam os indivíduos que detinham poder aquisitivo para deslocamentos internacionais, não demorou para que a doença chegasse às favelas e comunidades pobres, nestes espaços há a escassez crônica de saneamento e melhores condições de habitação, o que contribuiu para que a doença se tornar mais letal. Em muitas casas brasileiras não existe se quer, água encanada para a lavagem das mãos, medida necessária para proteção contra o vírus.

O que se configura neste nosso diálogo entre as experiências do ensino de história a partir de fatos históricos traumáticos, é que a pandemia provocada pelo covid-19 pode ser analisada enquanto objeto nas aulas da disciplina de história, sob os mais diversos pontos de vista, o professor de história pode utilizar as experiências dos discentes como ponto de partida para aprofundamentos sobre a nossa trajetória política, social e cultural do país. Também lançar mão dos testemunhos, iconográficos e conteúdos digitais produzidos durante o fenômeno pandêmico, com os auxílios teórico e metodológico das histórias da saúde e do tempo presente.

## REFERÊNCIA BIBLIOGRAFICA

FICO, Carlos. **História do Tempo Presente, eventos traumáticos e documentos sensíveis: o caso brasileiro.** Varia hist., Belo Horizonte, v. 28, n. 47, pp. 43-59, 2012.

FERREIRA, Marieta de Moraes; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História do tempo presente e ensino de história.** Revista História Hoje, v. 2, n. 4, pp. 19-34, 2013.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** São Paulo: Cortez, 2004.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história.** Rio de Janeiro: Contraponto; Editora PUC-Rio, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria Ferreira da Costa. **Tempo presente no ensino de história.** In GONÇALVES, Márcia de A. (org) et al. Qual o valor da história hoje? Rio de Janeiro: Editora FGV, 2012

SILVA, Daniel Pinha. **O lugar do tempo presente na aula de história: limites e possibilidades.** Revista Tempo e Argumento, [S.l.], v. 9, n. 20, pp. 99-129, maio 2017.

F. C. T. da Silva, K. Schurster. **A historiografia dos traumas coletivos e o holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente.** Revista Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, V.42, N. 2, pp. 744- 772, maio- agosto. 2016.

F. C. T. da Silva, K. Schurster. **A historiografia dos traumas coletivos e o holocausto: desafios para o ensino da história do tempo presente.** Revista Estudos Ibero-americanos, Porto Alegre, V.42, N. 2, pp. 744- 772, maio- agosto.

Neto, Sydenham Lourenço, RAMOS. Vinícius da Silva. **História do tempo presente, diálogos com a história pública e com o ensino de história: Uma experiência exploratória.** Revista Aedos, V. 6, n. 15, Jul./Dez.2014. pp.17-32.

MONTEIRO. A.M.F. da Costa. **Aulas de história: Questões do/no tempo presente.** Revista educar em revista, n.58, pp.165-182, 2015.

SÁ, Dominichi Miranda. **Especial COVID-19: O olhar dos historiadores da FIOCRUZ.** Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1768-especial-covid-19-o-olhar-dos-historiadores-das-fiocruz.html#.XueNPOVKJIU>

Kropf, Simone. **O laboratório e a urgência de mover o mundo.** Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1770-o-laboratorio-e-a-urgencia-de-mover-o-mundo.html#.Xuem00VKJIU>

SILVA, André Felipe Candido. Lopes, Gabriel. **A pandemia de Coronavirus e o antropoceno.** Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1772-a-pandemia-de-coronavirus-e-o-antropoceno.html#.Xuev-UVKJIU>

SANGLARD, Gisele; COSTA, Renato da Gama-Rosa. **Oswaldo Cruz no combate às epidemias.** Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1776-oswaldo-cruz-no-combate-as-epidemias.html#.XueyckVKJIU>

KODAMA, Kaori; PIMENTA, Tânia Salgado. Disponível em <http://www.coc.fiocruz.br/index.php/pt/todas-as-noticias/1794-condicoes-de-vida-e-vulnerabilidades-nas-epidemias-do-colera-no-seculo-19-a-covid-19.html#.Xue1wkVKJIU>



Artista: Rondinelli Linhares

Da série *Por que fazemos o que fazemos?* 2019  
Plástico, parafuso e tinta acrílica sobre papel. Díptico. 29x41 cm